

## 5

### **A rememoração de mulheres-mães na experiência do parto humanizado em sites especializados: ilustrando as práticas discursivas sobre maternidade e maternagem**



Figura 15: Cena de parto pioneira: mulher dá à luz sentada numa cadeira, assistida por parteiras e um homem. Ilustração de um livro do final do século 19

Com o propósito de ilustração, foram analisados os depoimentos de mulheres que postaram suas experiências do parto nos sites que apresentam o “parto humanizado” como alternativa ao parto hospitalar. Nesse sentido, interessa-nos compreender os modos de experienciar o parto tendo em vista o “parto humanizado” como o ideal. Destacamos algumas das principais prerrogativas que norteiam essa proposta, como as noções de natureza e a ideia de humanização do parto e do nascimento vistas como formas de empoderamento das mulheres (Tornquist, 2007).

Para esse trabalho foram selecionados alguns sites especializados, através dos quais ilustraremos os modos de subjetividade produzidos nos discursos das mulheres a partir da ideologia do parto humanizado. Assim, escolhemos sites que estivessem de acordo com o ideário do Movimento pela Humanização do parto e do nascimento, para que fosse possível, por meio dos relatos disponíveis nos sites do Gama, da Amigas do Parto e do Núcleo Nove Luas, exemplificar a ideia disseminada de parto sem dor, natural, ecológico (Anexo 3). Para isso, levamos em conta temas “de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (Minayo, 1999, p. 158).

Em tempo de revolução digital, foi possível encontrar depoimentos de mulheres que espontaneamente postaram relatos sobre a experiência de ter filho por meio do parto humanizado em sites apropriados a essa prática. A vivência dessas mulheres, que à primeira vista parece apenas um desabafo, serve para reafirmar um lugar a ser seguido ou evitado, quando não se atinge os ideais propostos pelo movimento. Dessa forma, esse espaço virtual gerado pela revolução tecnológica da informação produz modos de ser mãe, de ser mulher, de ter filho, entre outros, transformando assim as nossas vidas (Deleuze, 1992).

Entretanto, através da internet também se criam ambientes de encontro coletivos onde “muitos podem interagir com muitos em busca de afinidades que possam transformar essas interações passageiras em relacionamentos” (Nicolacida-Costa, 2005, p. 55). Nestes sites, motivados pela discussão sobre o parto humanizado, os “encontros virtuais” ocorrem por meio de relatos e trocas de email. Forma-se uma “comunidade virtual” em torno de um único dizer, o do parto humanizado.

Partiremos do pressuposto de que a realidade da vida cotidiana é socialmente construída por meio da produção de sentidos. Entendemos essa produção de sentidos como

uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (Spink et al., 1999, p.41).

Desta forma, compreendemos o indivíduo como um ser que afeta e é afetado no espaço social de que faz parte.

Cabe dizer que a escolha por este estudo se fez em decorrência de uma dada estética do parto em nome da humanização do parto e nascimento. Essa observância nos levou a considerar os discursos e as práticas de determinados movimentos a favor de um tipo de parto humanizado, para que possamos encontrar no universo da humanização do parto os seus efeitos na vida sociocultural das mulheres-mães, seja na assistência seja no cotidiano.

Através da narrativa de mulheres-mães que vivenciaram esse universo é que poderemos compreender os ideais e as frustrações que existem nessa ambiência do parto humanizado. Há uma estética da fragmentação do discurso,

pois notícias nos são dadas sobre aquilo que interessa registrar: o parto e o nascimento. Pouco sabemos sobre os detalhes dessas experiências, mas identificamos: emoções entrecortando as histórias pessoais, elementos do próprio movimento de mulheres, condições de opressão relacionadas ao controle social das grávidas (Diniz, 2001).

Em contrapartida, ao experienciarem o parto humanizado, essas mulheres-mães puderam testemunhar esse novo modo de parir e nascer por meio da experiência vivida. Sendo assim, ‘o testemunho possui um papel de aglutinador de um grupo de pessoas que constroem a sua identidade a partir dessa identificação com essa “memória coletiva”...’ (Seligmann-Silva, 2005, p. 87), que é constituída no interior do grupo. Forma-se, então, um modo particular de grupo que, no nosso caso, compartilha memórias do parto e do nascimento humanizado de seus filhos.

O testemunho como local de resistência ao instituído e de rearticulação das identidades, possibilita uma ação que abre novas possibilidades para o futuro. Dessa forma, o “sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito” (Sarlo 2007, p. 39). Assim, deixamos de lado uma visão hegemônica de mundo por uma outra, singular, autoral, porém impregnada do coletivo e portanto plural.

No entanto, na prática do Movimento do parto e do nascimento, presenciamos discursos próximos ao do pensamento hegemônico, doravante duramente criticado. Esse paradoxo remonta à necessidade de um modelo a ser seguido conforme uma verdade pré-estabelecida. Diante desse impasse, pretendemos mobilizar uma discussão quanto ao ato supostamente “transformador” do Movimento do parto e do nascimento humanizados e suas reais repercussões no universo materno-infantil.

## 5.1

### Os depoimentos das mulheres-mães

Escolhemos depoimentos com as seguintes características:

1. As mulheres deveriam ter tido pelo menos um parto com a intenção de seguir as prerrogativas do “parto humanizado”.
2. Os relatos têm, no máximo, cinco anos.

Buscamos ilustrar as expectativas em torno do parto humanizado, proposto pelo Movimento pela Humanização do Parto e do Nascimento no Brasil, e sua influência no parto “real” dessas mulheres, entendendo como “real” o que efetivamente aconteceu durante e imediatamente após o parto.

A primeira característica é relativa à intenção da mulher em seguir as prerrogativas do “parto humanizado”. Sendo assim, o processo do parto e do nascimento é um ato biológico, assim como também um ato cultural, na medida em que consideramos “os valores sociais, crenças construídas e estabelecidas historicamente, identidades múltiplas inseridas em lugares sociais assimétricos, sem mencionar toda a gama dos aspectos ideológicos e hegemônicos devidamente localizados em uma determinada sociedade e em um determinado tempo” (Dias, 2007, p. 10).

Dessa forma, não poderemos descolar o movimento de humanização do parto e do nascimento do contexto social que o inseriu. Afinal, condicionantes sociais tanto motivaram seu surgimento como sua permanência. Nesse momento histórico-cultural, foi inculcado na mulher o desejo de assumir a responsabilidade sobre a escolha de seu parto e de como se daria o nascimento de seu filho. Sendo assim, o protagonismo seria exclusivamente da mulher e não mais da equipe médica, que no ambiente hospitalar controla o parto e como o bebê irá nascer.

Nesse sentido, uma das propostas desse trabalho é apreender no discurso dessas mulheres-protagonistas, a manifestação de sentimentos, tais como frustração, realização, tristeza, alegria, felicidade, decepção, e quais foram as suas razões.

A segunda característica, referente aos relatos postados nos sites em no máximo cinco anos, justifica-se pelos dados atualizados sobre o tema, determinados por um contexto histórico, temporal e cultural. Esse corte temporal-espacial nos permite definir tanto o território a ser mapeado quanto os dados a serem coletados.

### 5.1.1

#### **Características dos depoimentos selecionados**

Selecionamos depoimentos de quatorze mulheres em três sites que divulgam a ideologia do Parto Humanizado, iniciado na década de 60-70, na

América do Sul, com o nome de Parto sem Dor. Como os depoimentos são acessíveis na internet, não é necessário o termo de consentimento por se tratar de um material de domínio público consentido.

1- Márcia – mãe de uma menina, parto domiciliar (depoimento de 2008 extraído do site Núcleo Lua Nova);

2- Thaís - mãe de uma menina, parto natural hospitalar (depoimento de 2009 extraído do site Núcleo Lua Nova);

3- Andréia – mãe de dois meninos, parto normal hospitalar (depoimento de 2005 extraído do site Gama);

4- Patrícia – mãe de um menino, parto normal hospitalar (depoimento de 2006 extraído do site Gama);

5- Carolina – mãe de uma menina, parto na água na casa de parto (depoimento de 2007 extraído do site Amigas do Parto);

6- Meire – mãe de dois meninos, parto normal hospitalar depois de uma cesárea (depoimento de S/D extraído do site GAMA);

7- Meire – mãe de dois meninos e uma menina, parto domiciliar (extraído do site GAMA);

8- Rosana – mãe de uma menina e dois meninos, parto domiciliar depois de duas cesáreas (depoimento de 2006 extraído do site GAMA);

9- Márcia H. – mãe de dois meninos, parto domiciliar depois de uma cesárea (depoimento de 2006 extraído do site GAMA);

10- Francine – mãe de uma menina, parto em casa de parto (depoimento de 2009 extraído do site GAMA);

11-Talita Máira – mãe de uma menina, cesárea ( depoimento S/D extraído do site GAMA).

12- Cíntia – mãe de uma menina, cesárea depois de tentativa de indução ( depoimento de 2006 extraído do site GAMA)

13- Isa – mãe de um menino e uma menina, cesárea (depoimento de 2005 extraído do site GAMA)

14- Adriana – mãe de menina, cesárea (depoimento S/D extraído do site GAMA).

Dentre essas quatorze mulheres, 2 (duas) tiveram parto em casa de parto, 4 (quatro) tiveram parto normal ou natural hospitalar, 4 (quatro) tiveram parto cesárea e 4 (quatro) tiveram parto domiciliar. Todas essas mulheres estão enredadas nesse universo produzido pelo Parto Humanizado: elas consomem valores do Parto Humanizado quando vão fazer yoga para gestante, contratam uma doula, uma equipe de profissionais “humanizados” que, na maior parte das vezes, não são vinculados a nenhum plano de saúde. Essas práticas produzem desejos, demandas nas mulheres gestantes, assim como processos de normatização relativos ao parto humanizado.

### 5.1.2

#### Discutindo os depoimentos

Nos quatorze depoimentos colhidos nos três sites predominaram alguns temas relacionados aos conteúdos mais frequentes, comuns e recorrentes que surgiram nas diferentes narrativas: 1) Parto humanizado: uma alternativa à industrialização do parto, 2) Práticas produtoras de desejos, 3) Parto dos sonhos, o parto ideal: a mulher como protagonista, e 4) Cesariana: frustrações e tristeza quando se quer um parto naturalmente “natural”.

#### 5.1.2.1

#### Parto humanizado: uma alternativa à industrialização do parto



Figura 16: Ilustração da obra de Rösslin, representando um parto de 1513

As discussões sobre o parto humanizado vêm ganhando relevo nos últimos anos, sobretudo por força das “celebridades” adeptas ao movimento pela humanização do parto e nascimento. Com isso, o jeito natural de parir desenhou uma estética própria de parto.

Li livros, pesquisei sites, descobri o GAMA (Grupo de Apoio à Maternidade Ativa), fiz cursos, conheci a minha doula (a querida que me acompanhou no parto) e com tudo isso, minha cabeça se abriu definitivamente para o parto normal (Patrícia).

Quando entrei no quarto, fiquei emocionadíssima! Todo escurinho, quentinho, com uma musiquinha suave e um clima super aconchegante que a Ana Flávia preparou junto dos outros profissionais. Ali pude vivenciar o que entendia por "Casa de Parto". Realmente era um ambiente caseiro, com pessoas afetuosas e acolhedoras (Carolina).

Há algumas décadas, especialistas no assunto vêm ofertando o parto ideal, às mulheres desejosas de humanização no parto. Aos poucos, o parto humanizado virou mercadoria, tornando-se mais comum nas classes sociais mais abastadas. Não bastam médicos ou parteiras humanizados, mas também é preciso uma doula - profissional que acompanha a mulher durante o parto e no pós-parto - aulas de yoga, ginástica para gestantes, meditações específicas, nutricionista, entre outras especificidades.

Essa rede de cuidados em torno da gestante e da puérpera gera demanda por parte dessas mulheres-mães que acreditam que irão se beneficiar com todo esse aparato. Em meio a tantas ofertas de trabalhos com mulheres gestantes ou puérperas, temos um mercado próprio incutindo fortemente nas mulheres a vontade de ter parto humanizado.

Aliás, foi o Movimento pela Humanização do Parto e do Nascimento que “politizou fortemente a questão do parto” (Tornquist, 2007, p. 145) ao mostrar que as mulheres poderiam ser protagonistas de seus partos. Essa desterritorialização daquilo que se instituiu por muitos anos, o parto hospitalar, abriu um novo espaço de saber. Entretanto, o que foi antes revolucionário, a possibilidade de escolha da mulher-mãe sobre o seu parto, tornou-se um saber instituído por gerar um outro modelo de como parir.

Nesse processo histórico aparece a figura da doula, uma mulher que durante o trabalho de parto desperta nas mulheres gestantes, prontas para parir, uma sensação de proteção e conforto, como podemos constatar nos relatos abaixo:

Decidimos que a presença de uma doula seria fundamental, e minha doula foi nossa "anja" nessa empreitada. Também conhecemos o Dr.C., neonatologista "do bem" que nos ajudou a trazer o nosso filho ao mundo (Patrícia).

...e ficamos encantados com ela. Meu marido resolveu na hora que deveríamos contratar ela como minha doula e assim foi. Nesse bate papo, ela nos contou sobre o seu dois partos, nos explicou sobre os diferentes partos e nos passou algumas opções de médicos e de parteiras que faziam o parto humanizado (Márcia).

A minha doula faz uma massagem deliciosa nas minhas costas (Andréia).

A condução do parto é de total relevância para os adeptos do parto humanizado. Afinal, suportar as dores da contração, os puxos, a expulsão é o ideal de parto que se deve almejar. Tanto é que muitos relatos ficam circunscritos aos preceitos do parto humanizado, como uma meta a ser alcançada custe o que custar, pois se acredita no corpo feminino - que funciona naturalmente - e no parto como um evento fisiológico e, portanto, natural.

No relato de Carolina, a ausência de anestesia foi uma escolha para vivenciar o parto na sua plenitude

Fiz força somente quando meu corpo pediu (e ele pede mesmo!) e, mais perto do momento expulsivo, tive a sensação de que ia rasgar toda. Quando o obstetra falou que só faltava a Larissa vencer a resistência do meu períneo, pedi pra ele cortar tudo porque já estava cansada e com muita dor. Mesmo assim não tive vontade e nem senti necessidade de tomar anestesia (Carolina).

Enquanto Meire fica na expectativa do corpo naturalmente parir, ela dissocia sua consciência do que deveria ser feito e do seu corpo que não parece corresponder as suas expectativas.

Chegaram as 40 semanas e nada. Comecei a desanimar: será que eu ia morrer na praia??? Será que o meu corpo não tá sacando que tá na hora de pôr esse bebê pra fora?(Meire)

Nesse caso, a conscientização do processo do parto não é garantidora de um parto bem-sucedido, nos moldes do movimento, o que provoca frustração nessas mulheres. No caso de Meire, o desfecho foi satisfatório e, para ela, surpreendente.

Quando chegamos na sala de parto, colocaram minhas pernas nas perneiras, a dra. Andréa foi se posicionar, e eu a vi abrindo um sorriso pro Dr. J. e dizer: "Ele tá

aqui, o bebê desceu!”.Ninguém acreditou! Dr. J. me mandou fazer força agora. E eu ouvi o Teo chorar. Ele nasceu assim, facinho. Dr. J. mandou colocar sobre meu colo, ele parou de chorar na hora, foi muito emocionante mesmo! Eu tinha conseguido. Não acreditei!(Meire).

Entretanto, outro aspecto relevante do parto humanizado diz respeito ao envolvimento necessário com a gestante, para entender melhor seus medos, suas ansiedades, suas expectativas, e poder, de algum modo, solidarizar-se (Rautter & Trench, 2005). Nesse momento, a figura da doula cumpre o papel de orientar a mulher quanto ao parto, dissipando dúvidas, receios, fantasias, ou, durante o parto, posicionando-se atrás da parturiente, dando-lhe apoio físico e emocional (Aires, 2006). Dessa forma, se firma a importância do movimento, como um resgate de algo que ficou para trás, de natureza ancestral.

Noites antes (do parto), sonhei com frequência com a presença de uma parteira que me parecia asteca ou inca. Uma senhora de certa idade, baixa, cabelos escuros e presos num coque, roupas negras com uma faixa colorida ou talvez fosse uma capa, não sei ao certo. Podia ser uma avó “bicho-grilo”, mas eu sabia que era uma parteira. Ela sempre me fitava de longe, não sorria, mas me fazia sentir que estava acolhida e compreendida. Sua serenidade trazia segurança e confiança. Foi depois dela surgir, que passei a sentir força muito grande e muita confiança para parir. Todas as mulheres do mundo estavam comigo e eu podia dar conta, eu conseguiria (Márcia)

Nesta concepção naturalista, afirma Tornquist, no

Parto Natural ou Humanizado estão presentes uma representação do corpo feminino como corpo destinado à maternidade, do corpo do bebê como o centro do processo, e do corpo médico como aquele que possibilita o chamado “resgate” desta natureza perdida (2007, p.158).

Nesse sentido, precisamos nos animalizar. Nesse campo alternativo, há uma entronização da natureza e da valorização da sexualidade presentes na imagem da mulher selvagem (e similares), muito presente no campo alternativo e bastante aceita pela vertente biomédica.

Cabe notar que a crítica contundente sobre o modelo medicalizado é hoje em dia relativizada em parte. Segundo Tornquist,

o Grupo Cochrane, reconhecido como científico que tem publicado o maior acervo de pesquisas no campo da assim chamada Medicina baseada em evidências, recebeu forte influência dos movimentos feministas e da Nova Era, porém, “traduziram” suas preocupações para o campo científico, a partir de critérios internos a este (2007, p.156).

### 5.1.2.2

#### Práticas produtoras de desejos



Figura 17: Maternidade, Pablo Picasso (1905)

Com a proposta do parto humanizado nos anos 50 fomentado por profissionais de camadas médias, considerou-se que “as mulheres poderiam dar a luz de forma ativa e independente, ao contrário do que a medicina ocidental postulava, ao torná-la alvo de forte intervencionismo” (Tornquist, 2007, p. 145). Essa ruptura do que estava instituído produziu uma nova realidade, provocando um novo modo de subjetividade, que define uma outra maneira de perceber o mundo.

Essa discussão se ampliou para a assistência ao parto em geral e no âmbito da saúde pública, o que gerou um processo de constituição de uma nova identidade sobre a maternidade. Nesse contexto, positiva-se o ato de parir da mulher, e reitera-se a noção de maternidade como constitutiva do gênero feminino. Nesse contexto, o feminismo se configura como um dos campos em que as categorias natureza e seus corolários (instinto, intuição) são o eixo de permanente debate.

Essas temáticas reforçam a crença de que a maternidade é natural, e que temos formas de ser mãe definidas previamente ao gênero feminino, por meio da natureza. Essa “maternidade naturalizada”, como denomina Badinter (2010) no seu mais recente livro “Le conflit - la femme et la mère”, seria para a autora um retrocesso ao modelo antigo, de mãe cuidadora e pai provedor. Assim sendo, na tentativa de singularizar o parto humanizado, criou-se um outro modelo instituído de parto, posto que a política é ação, carregada de implicações (Guattari e Rolnik, 2005).

Recentemente, o site Núcleo Nova Lua disponibilizou a entrevista da famosa supermodel Gisele Bündchen ao Fantástico, programa da Rede Globo de televisão. O marketing gerado em torno da gestação e do pós-parto de Gisele Bündchen, representante da “maneira ideal de ser mãe” - que teve seu parto humanizado e que, amamenta, não tem babá, cuida do bebê, e se desliga de sua vida profissional mesmo que temporariamente ou parcialmente. Essa forma/fôrma de mãe acaba por regular modos de ser, de existir, próprios à sociedade contemporânea. Nesse sistema de identificação, controla-se o modo de existencialização das mulheres que desejam ou estão gestantes ou mesmo são mães recentes.

Desta forma, a mídia dissemina um modo de ser “Gisele”, um modo “bacana” de se ter filho. Não é incomum encontrarmos relatos parecidos com o discurso propagandeado nos sites destinados aos partos humanizados, vejamos alguns:

Comecei o meu pré-natal com uma médica do convênio. Na época eu fazia aulas de yoga e minha querida professora Nírmala começou a me falar sobre o parto humanizado, para eu olhar a possibilidade de fazer meu parto em casa. Na hora achei que ela estava ficando louca. Meu marido tinha a certeza que deveríamos fazer o meu parto em casa, mas eu ainda não tinha tanta assim até ouvir a Márcia. Nessa consulta, mais uma vez nos apaixonamos e decidimos na hora que realmente faríamos em casa e com ela. (Márcia)

As contrações vinham e iam e o tempo entre elas não era longo. Pude me movimentar e me alimentar de acordo com a minha vontade e a Drika massageava as minhas costas a todo instante, pois o incômodo era grande. As dores foram ficando mais forte e ela também me ajudou nas posições mais confortáveis. A água quente batia nas minhas costas enquanto estava sentada na bola e foi aí que o Dr. Vicente chegou. A sensação nesse momento era de que a Gabriela se movimentava muito, fazendo forças para vir ao mundo encontrar aqueles que tanto amam. Eu tinha vontade de rir sempre que uma contração acabava, um riso para a vida, para o grande amor que estava chegando (Thaís).

No caso de Patrícia, a informação sobre o que ela mesma chama de o “admirável mundo novo”, que é a gravidez, foi fundamental para despertá-la para esse tipo de parto, o humanizado.

Quando fiquei grávida, foi um misto de alegria e temor ao mesmo tempo. Pensava comigo mesma: “E agora, como vai ser?”. Para minha sorte, uma prima muito próxima também estava grávida, e ela começou a me mandar e-mails sobre a gravidez e parto. Através desses e-mails fui me interessando cada vez mais pelo assunto e passei a pesquisar pela internet tudo sobre o parto normal e cesárea. (...) Sorte que me interessei pelo assunto e um mundo novo foi se

escancarando à minha frente. Li livros, pesquisei sites, descobri GAMA (Grupo de Apoio à Maternidade Ativa), fiz cursos, conheci a minha doula (querida que me acompanhou) e com tudo isso, minha cabeça se abriu definitivamente para o parto normal (Patrícia).

Nesse sentido, é ofertado um produto, o parto humanizado, que suscita o desejo nas mulheres em consumi-los para alcançar o futuro prometido, qual seja, um “belo parto”. Com isso, cria-se a ilusão de que sempre foi assim, natural, ocultando, na história do parto, os falecimentos por conta dos partos mal-sucedidos, difíceis. Nesse sentido, Odent brinda a tecnologia biomédica por salvar vidas.

### 5.1.2.3

#### Parto dos sonhos, o parto ideal: a mulher como protagonista



Figura 18: Maternidade, Joan Miró (1924)

A estética do parto humanizado, com os anos de prática, gerou um modo específico de parir. No entanto, foi se construindo um terreno próprio para vivenciar essa experiência, não levando em consideração as especificidades de cada mulher e suas limitações, tanto emocionais quanto físicas.

Nos relatos, constata-se que a busca pelo parto humanizado é a busca por um ideal, o parto dos sonhos,

Empurro mais uma vez, com toda a força que ainda tenho e sinto ele nascer. É uma sensação única, maravilhosa, é um escorregar, mas que não se compara a nada nesse mundo. E a dor passa, é como se nunca tivesse acontecido. Logo ele chora e é colocado no meu colo. Todo sujo de vérnix. É como se todo o resto da

sala sumisse. Só existem eu, o Marcelo (que não sei quando apareceu do meu lado) e nosso filhinho. Ele fica um tempão conosco. Mas eu estava tão cansada que tinha medo de deixá-lo cair. Minha mãe corta o cordão umbilical e eu peço para a pediatra examiná-lo, quero que tenham certeza que ele está ótimo. Ele volta para meu colo. A doula me ajuda a colocá-lo para mamar, mas ele não quer (Andréia).

Hoje me sinto mais forte para a vida e para tudo o que está por vir. Ter optado por participar ativamente do nascimento da Gabriela em um parto natural e humanizado foi a melhor decisão que tomei para a sua chegada. Acredito que os laços que nos unem se fortaleceram ainda mais a cada contração nessas horas de espera. E depois disso tudo, vê-la mamando logo que nasceu reconhecendo o meu seio, cheirando e tirando seu alimento me deixou muito confiante em minha mais nova missão: SER MÃE!(Thaís).

Eu adorei parir em casa: a Manuela ficou a noite inteira do meu lado, enrolada nas minhas cobertas, para eu aquecê-la. Nada de pedir permissão pra ninguém pra ficar com seu filho. Quando eu entrei na lista, achava que isso soava prepotente mas não é. Sem necessidade, pra que te separar do teu filho? A Manuela não saiu do meu lado nem um minuto (Meire II).

Também poderia contar com a presença de pessoas queridas na hora do parto, um ambiente tranqüilo e acolhedor e uma equipe de confiança afinada com os meus ideais. Saber que eu poderia ser protagonista do meu parto, que eu poderia parir sem nenhuma intervenção foi uma grande descoberta. Se meu corpo era são e perfeito para gerar uma vida, ele também o era para trazê-la ao mundo. Confesso que ainda sentia um pouco de medo da dor, mas diante de tantas informações novas, eu estava realmente disposta a enfrentar o que viesse (Patrícia).

Nesse momento fiquei com muito, muito medo da dor, mas a V. com toda sua sabedoria soube me trazer de volta a minha realidade, fez um "teatrinho" e me disse pra dizer o que eu queria de verdade... Se eu queria realizar o MEU SONHO ou desistir e ir para o hospital... Nessa hora minha irmã e minha prima foram FUNDAMENTAIS para me lembrar tudo aquilo que eu sempre disse para elas e principalmente NÃO ME DEIXEM DESISTIR! Suas palavras de apoio e incentivo me fizeram acordar de um transe no qual eu estava lá na Partolândia (Rosane).

Nestes depoimentos podemos entender sobre “os meus ideais”, “ser protagonista do meu parto”, “se meu corpo era são e perfeito para gerar uma vida...também o era para trazê-la ao mundo”, “meu sonho..”, “minha nova fase...”, como fazendo parte de uma ideologia individualista e naturalizante que incute nas mulheres valores como autonomia, liberdade, escolha e desejo (Tornquist, 2007, p.145). Apesar do papel materno não ser evidente, como alerta Badinter (1985), acredita-se numa natureza feminina inerente a toda mulher. Nesse sentido, supõe-se que o empoderamento das mulheres passaria pelo resgate dos poderes e saberes femininos que o processo civilizatório teria eliminado ou submetido. Para isso, criam-se modos de parir, nos quais o homem, a mulher e os

especialistas formam o conjunto da obra. Estrutura-se um cenário propício onde todos os atores se posicionam para agir.

Contudo, Michel Odent<sup>12</sup> (2002), que contribuiu para humanizar o processo do nascimento, reconheceu que durante o parto a privacidade é um fator importante para a condução do processo involuntário e relacionou as intervenções abusivas a uma série de distúrbios próprios da civilização. Sendo assim, o aparato que se criou no interior da ideologia do parto humanizado acabou por alternar o curso daquilo que eles mais pregam - a natureza feminina. Odent ressalta a necessidade “de privacidade, intimidade, calma, liberdade de vivenciar o parto em qualquer posição” (p. 48). Nesse caso, segundo ele, a presença do companheiro na sala de parto pode ser prejudicial, lentificando o processo.

Dessa forma, o parto humanizado é ideal para quem? Visto que ele não cumpre aquilo que prometeu, a saber, o retorno ao natural; quando sugere formas de conquistar um parto dos sonhos, que implica consumir modos de gestar que não estão em conformidade com as condições naturais de se ter filho de fato. Verdadeiramente, temos uma ambiência que propiciadora de um tipo de parto, que compreende por vezes uma banheira especial, uma equipe especializada nesse tipo de parto, a música que foi escolhida previamente, a luminosidade, a temperatura do ambiente, a escolha do que se quer comer durante o parto, após o parto, enfim, cria-se um cenário que parece estar distante do natural, da animalização almejada.

Logo a dilatação está completa e eu posso começar a empurrar. Alguém lembra de desligar a luz da sala, ligar as estrelinhas do teto e a música que eu havia escolhido. O Dr. Ricardo me ajuda a respirar e empurrar, me pedindo para fazer força contra a mão que ele apóia sobre a minha barriga. A doula segura um espelho para que eu possa ver o nascimento (Andréia)

---

<sup>12</sup>Obstetra francês pioneiro na introdução de banheiras de parto, facilitando o nascimento em hospitais.

#### 5.1.2.4

### Cesariana: Frustração e tristeza quando se quer um parto naturalmente “natural”



Figura 19: Estudos de embriões, Leonardo Di Vinci (1510-13)

Com o advento do parto humanizado ou natural, o parto cesárea tornou-se um grande vilão do qual devemos nos proteger. Afinal, produziu-se por muitos anos o ideário de que a mulher que consegue dar à luz de forma natural (perfeita, modelar) é aquela que teria se desinvestido dos ditames da cultura (ocidental, medicalizada, patriarcal) e recuperado um estado de maior proximidade com a chamada natureza, que, contrariando a obstetrícia hegemônica, é vista como positiva e não requerente de intervenções excessivas. Esse pensamento gerou impasses importantes na prática materno-infantil sobretudo hospitalar, onde a intervenção cirúrgica por vezes é necessária.

Ela (a médica) insistiu para não passarmos de 40 semanas ( aqui no Brasil, os obstetras tem um conceito de duração da gestação diferente da OMS!). Sai do consultório muito triste e chorei muito. Comecei a me exercitar como uma louca para que meu colo diminuisse. Com 39 semanas e 3 dias, minha bolsa rompeu. Fui para o hospital na maior felicidade pois minha filha nasceria na data que ela escolheu!). No exame da admissão a notícia ruim, meu colo estava grosso, posterior e com zero de dilatação. Acabei na cesárea, que pelo menos foi humanizada, com minha filha amamentando na sala de parto e tomando seu primeiro banho. Minha filha é linda e muito saudável, mas minha frustração ainda não passou por não ter conseguido realizar o ato mais natural e mais bonito na vida de uma mulher!!! (Talita).

Eu me perguntava "por quê???". Estávamos tão perto e, de repente, tudo mudou. As dores continuavam. Felicidade e tristeza, superação e frustração, tudo se misturava em mim. Eu me fortalecia em saber que tentara de tudo e que não

arriscaria a vida da Maya. Pensava que as coisas não acontecem por acaso, tinha que acontecer daquela maneira (Cíntia).

As alegrias, os medos, incertezas, estão presentes nos relatos. Segundo Szejer, o momento de mudanças gera muitas emoções diferentes. O que para essas mulheres parece ter sido o diferencial foi o acompanhamento da doula na hora do parto e os cuidados especiais dados a elas.

Podemos verificar nos relatos de mulheres que não consideram o desfecho esperado, o parto natural ou normal, a frustração e o sofrimento por não terem exercido sua função materna, de mulher, de não terem cumprido seu destino natural, esperado.

Essa frustração é insuportável para muitas mulheres-mães que anseiam pelo parto humanizado. Acreditam que “ser mãe é um ato bastante instintivo e natural”, e que ter um filho é uma prova que “...Deus fez a mulher perfeita e com a capacidade de parir...”. Sendo assim, não corresponder às expectativas produzidas durante a preparação para o parto gera muita expectativa na mulher-mãe que deseja o “melhor parto” para seus filhos nascerem saudáveis, o parto humanizado.

Nesse caso o “empoderamento da mulher na hora do parto”, prerrogativa na ação do parto humanizado, fica comprometido pela falta de gerência da mulher sobre o próprio corpo, como essa fosse uma escolha dela.

Segundo Tornquist (2002), nessa estética do parto a construção de uma forma mais natural de parir se coloca como um modelo a ser seguido: trata-se, enfim, de alcançar o 'Belo Parto', como sugeriu Cláudia Fonseca (1997) em sua etnografia feita em uma maternidade francesa. Fonseca observa que os cursos de preparação para o parto, naquele contexto, forjavam um modelo idealizado de parir, o qual, no entanto, nem sempre era alcançado pelas mulheres que os faziam.

Esse modelo idealizado pelo Movimento do Parto humanizado produz um entendimento individualizante sobre a ação do parto, que tem a mulher como protagonista. Dessa forma, responsabiliza-se a mulher pelo tipo de parto que trouxe seu filho ao mundo, o que pode ser compreendido como seu sucesso ou fracasso.

Birman (2005), ao examinar o campo social da atualidade constata o autocentramento do sujeito. Isso significa dizer que o autocentramento se

apresenta primeiramente sob a forma da estetização da existência, na qual o que importa para a individualidade é a exaltação do próprio eu. Nesse sentido, a mídia se destaca como instrumento fundamental para que se forje o polimento exaltado de si-mesmo pelo indivíduo. Nessa direção, o movimento pela humanização do parto e do nascimento, quando convocam as mulheres a individualizar-se, colocam-nas no lugar de protagonistas, donas do seu parto, ao mesmo tempo que esperam delas uma performance condizente com o ideário do movimento. Entretanto, quando fracassa a tarefa de glorificação do eu, as luzes se apagam, restando, muitas vezes, a culpa, a decepção em meio ao breu.

Por volta das 2hs da manhã do domingo (portanto, 39 semanas e 4 dias!), decidimos ir para o Centro Cirúrgico. Eu sentia nisso uma mistura de fracasso com alívio. Não posso negar meu desejo pelo parto normal, mas acredito que tudo tem seu limite. E pra mim, ele tinha chegado . Então, descemos para o Centro Cirúrgico (Isa).

Estávamos tão perto e, de repente, tudo mudou. As dores continuavam. Felicidade e tristeza, superação e frustração, tudo se misturava em mim. Eu me fortalecia em saber que tentara de tudo e que não arriscaria a vida da Maya. Pensava que as coisas não acontecem por acaso, tinha que acontecer daquela maneira (Cíntia).